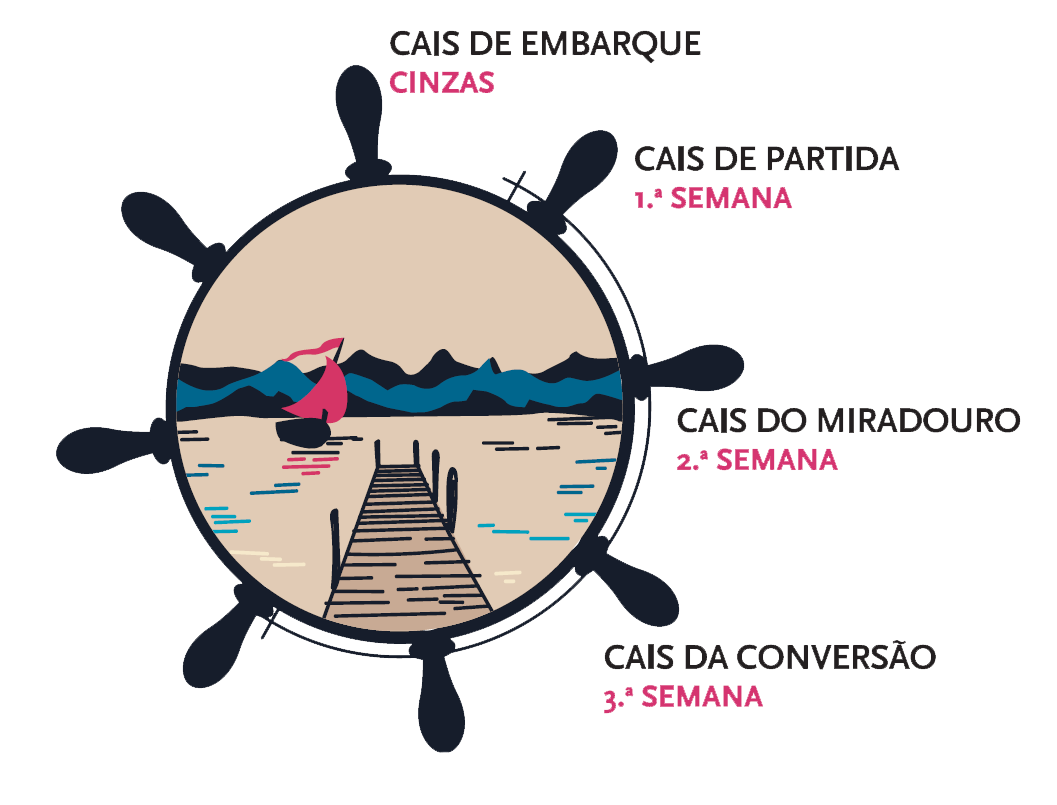
**III Domingo da Quaresma C 2019**

****

**Se não vos arrependerdes,**

**morrereis todos!**

*Lc* 13,1-9

**Saudação inicial**

P. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, *porto da misericórdia e da paz*, esteja sempre convosco.

R. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

**Monição inicial**

P.Na viagem da nossa Quaresma, hoje chegamos ao cais da conversão urgente, com um sério aviso à navegação: “*Se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo*” (*Lc* 13,5). O nosso Deus é um Deus que salva. Quer que sejamos livres. Mas quer também que dêmos frutos de liberdade. Nesta Eucaristia, deixemo-nos tocar pela sua misericórdia e não adiemos a conversão, sem a qual seremos estéreis ou opressores dos irmãos.

**Ato penitencial**

P. Só o Senhor nos pode salvar do desastre de uma vida sem frutos de amor. Invoquemos a sua misericórdia, para mais dignamente participarmos nestes santos mistérios.

P. Senhor, Vós sois clemente e cheio de compaixão, mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia. E dai-nos a vossa salvação!

Coro: *Kyrie, eleison!*

Assembleia: *Kyrie, eleison!*

P. Cristo, Vós sois a sarça-ardente do amor que liberta, mostrai-nos, ó Cristo, a vossa misericórdia. E dai-nos a vossa salvação!

Coro: *Christe, eleison!*

Assembleia: *Christe, eleison!*

P. Senhor, Vós libertais o vosso povo da tirania do pecado, mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia. E dai-nos a vossa salvação!

Coro: *Kyrie, eleison!*

Assembleia: *Kyrie, eleison!*

**Oração coleta**

**Liturgia da Palavra**

1.ª Leitura *(fórmula mais breve)*

**Leitura do Livro do Êxodo**

Naqueles dias, Moisés apascentava o rebanho de Jetro, seu sogro. Então Deus chamou-o do meio da sarça: «Moisés, Moisés!». Ele respondeu: «Aqui estou!». Continuou o Senhor: «Não te aproximes. Tira as sandálias dos pés, porque o lugar que pisas é terra sagrada». E acrescentou: «Eu sou o Deus de teus pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob». Então Moisés cobriu o rosto, com receio de olhar para Deus. Disse-lhe o Senhor: «Eu vi a situação miserável do meu povo no Egito; escutei o seu clamor provocado pelos opressores. Conheço, pois, as suas angústias. Desci para o libertar das mãos dos egípcios e o levar deste país para uma terra boa e espaçosa, onde corre leite e mel». Moisés disse a Deus: «Vou procurar os filhos de Israel e dizer-lhes: ‘O Deus de vossos pais enviou-me a vós’. Mas se me perguntarem qual é o seu nome, que hei de responder-lhes?». Disse Deus a Moisés: «*Eu sou ‘Aquele que sou’*».

**Palavra do Senhor.**

**Refrão:** *O Senhor é clemente e cheio de compaixão.* 2.ª Leitura *(fórmula mais breve)***Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios**

Irmãos: Não quero que ignoreis que os nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, passaram todos através do mar e, na nuvem e no mar, receberam todos o batismo de Moisés. Todos comeram o mesmo alimento espiritual e todos beberam a mesma bebida espiritual. Bebiam de um rochedo espiritual que os acompanhava: esse rochedo era Cristo. Mas a maioria deles não agradou a Deus, pois caíram mortos no deserto. Esses factos aconteceram para nos servir de exemplo. Portanto, quem julga estar de pé tome cuidado para não cair.

**Palavra do Senhor.**

**Aclamação antes do Evangelho** (cantado)

Evangelho *(mais breve)*

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas**

Naquele tempo, Jesus contou a seguinte parábola: «Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi procurar os frutos que nela houvesse, mas não os encontrou. Disse então ao vinhateiro: ‘Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira e não os encontro. Deves cortá-la. Porque há de estar ela a ocupar inutilmente a terra?’. Mas o vinhateiro respondeu-lhe: ‘Senhor, deixa-a ficar ainda este ano, que eu, entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo. Talvez venha a dar frutos. Se não der, mandá-la-ás cortar no próximo ano’».

**Palavra da salvação.**

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 2019 – 1.º ESQUEMA**

**1.** No cais da conversão, há um sério aviso à navegação: «*Se não vos converterdes, morrereis todos*» (Lc 13,5), o mesmo é dizer, se não mudardes de rota não chegareis a bom porto! É preciso arrepiar caminho e sem demora. Esta mudança começa em mim e por mim e não se faz sem mim, porque, nesta barca, ou se salvam todos ou não se salva ninguém. “*Quem se julga de pé* *tenha cuidado para não cair*” (*1* *Cor* 10,12).

**2.** “*40 dias para chegar a bom porto*” é o tempo favorável da infinita paciência de Deus. Jesus compara este *prazo* especial ao cuidado de um camponês, que mima a sua figueira e lhe dá mais um ano, na esperança de que venha a dar frutos. Esta oportunidade de salvação ganha particular significado quando recordamos o incisivo apelo à conversão, que o profeta Jonas lançara outrora aos ninivitas: «*Dentro de quarenta dias Nínive será destruída*» (*Jn* 3,4). Não é uma ameaça. É a certeza de que o mundo não pode mudar se não mudarmos nós. E já. Não adiemos a conversão. O tempo de Deus é infinito, mas o nosso tem prazo de validade.

**3.** É urgente, por isso, a conversão, a mudança, a vários níveis:

* *Conversão pessoal*, mudando a rota da nossa vida, e voltando o nosso coração definitivamente para o Senhor, para chegarmos com Ele a bom porto. *Estou disponível para confiar às mãos de Cristo o leme da minha vida e mudar de rota?*
* *Conversão moral*, afastando-se cada um do seu mau caminho e das violências que tenha praticado, para produzir abundantes frutos de amor. *Estou decidido a dar prioridade às necessidades dos outros sobre os meus interesses?*
* *Conversão ecológica* (LS 217), cuidando do mundo como Casa comum, para transformarmos os desertos da Terra em jardim da nova Criação. A tempestade IDAI, em Moçambique, em resultado da emissão desproporcional de gases de efeito estufa, é um grito de Deus, no gemido da Criação, a dizer-nos: “*ou mudais de rota ou morrereis todos*”! Até a jovem baleia dada à costa, nas Filipinas, com 40 kg de plástico no estômago, parece trazer de volta a mensagem de Jonas: toda a Terra será destruída, “*os homens e os animais, os bois e as ovelhas*” (*Jn* 3,7.8), se o *homem velho*, dominador e devorador não se converter em nova criatura (*2 Cor* 5,7), se não aprender a viver como filho de Deus e como irmão. *Estou decidido a mudar o meu estilo de vida e os meus hábitos de consumo, de modo a alegrar-me com pouco, com o mais simples, dando apreço às pequenas coisas da vida* (cf. *LS* 222-223)? Ou mudamos já e agora ou morreremos todos! Não há um Planeta B!
* *Conversão missionária, vencendo* a tentação de Jonas, de fugir para um lugar seguro. Talvez nos sintamos relutantes em deixar um território que nos era conhecido e controlável. Temos medo de enfrentar contextos novos e mais difíceis. Saiamos ao encontro dos outros, para os escutar nos seus sonhos e anseios, para lhes propor um caminho novo, para os contagiar na alegria da fé, de modo que o nosso respeito pela diferença não nos faça cair na indiferença! *Estou decidido a vencer a síndrome de Jonas, a perder o medo, a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora, a avançar «por mares nunca dantes navegados»?*

**4.** Estamos no cais da conversão. A conversão é a inversão da rota do barco que, se continua assim, vai mesmo encalhar nas rochas! Nessa altura, pouco importa fazer a conta dos bons e dos maus. Porque todos temos de mudar de rumo!

**5.** Lembremo-nos, por fim, da séria advertência de Jesus, que recai agora sobre nós: “*No dia do juízo,* – disse Jesus – *os habitantes de Nínive hão de levantar-se contra esta geração, para a condenar, porque fizeram penitência, quando ouviram a pregação de Jonas. Ora aqui está quem é mais do que Jonas*” (*Mt* 12,41). Entremos com Ele, neste cais da conversão, para sairmos de nós mesmos, sem medo, e chegarmos juntos a bom porto!

**Homilia mais breve no III Domingo da Quaresma C 2019 - 2.º ESQUEMA (catequese)**

**1.** No cais da conversão, há um sério aviso à navegação: «*se não vos converterdes, morrereis todos*» (*Lc* 13,5), o mesmo é dizer, se não mudardes de rota, não chegareis a bom porto. Temos “*40 dias para chegar a bom porto*”, mas já não falta um mês para a Páscoa. Este é o tempo favorável da infinita paciência de Deus, que Jonas anunciava dizendo: «*Dentro de quarenta dias Nínive será destruída*» (*Jn* 3,4). Não é uma ameaça. É a certeza de que o mundo não pode mudar se não mudarmos nós. E já. Não adiemos a conversão. O tempo de Deus é infinito, mas o nosso tem prazo de validade.

**2.** É urgente, por isso, a conversão, a mudança, a vários níveis:

* *Conversão pessoal*, mudando a rota da nossa vida. Esta mudança começa em mim e por mim e não se faz sem mim, porque, nesta barca, ou se salvam todos ou não se salva ninguém. *Estou disponível para confiar às mãos de Cristo o leme da minha vida e mudar de rota?*
* *Conversão moral*, afastando-se cada um do seu mau caminho e das violências que tenha praticado, para produzir frutos de amor. *Estou decidido a dar prioridade às necessidades dos outros sobre os meus interesses?*
* *Conversão ecológica* (LS 217), cuidando do mundo como Casa comum, para transformarmos os desertos da Terra em jardim da nova Criação. A tempestade IDAI, em Moçambique, é um grito de Deus, no gemido da criação, a dizer-nos: “*ou mudais de rota ou morrereis todos*”! Até a jovem baleia dada à costa, nas Filipinas, com 40 kg de plástico no estômago, parece trazer de volta a mensagem de Jonas: toda a Terra será destruída, “*os homens e os animais, os bois e as ovelhas*” (*Jn* 3,7.8), se o *homem velho*, dominador e devorador não se converter em nova criatura (*2 Cor* 5,7), se não aprender a viver como filho de Deus e como irmão. *Estou decidido a mudar o meu estilo de vida e os meus hábitos de consumo, de modo a alegrar-me com pouco, com o mais simples, dando apreço às pequenas coisas da vida* (cf. *LS* 222-223)?

**Eis alguns modos de cuidar a criação, com pequenas ações diárias:** resguardar-se um pouco mais em vez de ligar o aquecimento, evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias (cf. *LS* 211).

Ou mudamos já e agora ou morreremos todos! Não há um Planeta B!

**3.** Lembremo-nos, por fim, da séria advertência de Jesus, que recai agora sobre nós: “*No dia do juízo,* – disse Jesus – *os habitantes de Nínive hão de levantar-se contra esta geração, para a condenar, porque fizeram penitência, quando ouviram a pregação de Jonas. Ora aqui está quem é mais do que Jonas*” (*Mt* 12,41). Entremos com Ele, neste cais da conversão, para sairmos de nós mesmos, sem medo, e chegarmos juntos a bom porto!

**Credo**

**R. Sim, creio!**

1. Credes em Deus, rico em misericórdia, que dá a maior prova do seu poder quando perdoa e Se compadece? R.

2. Credes em Jesus Cristo, Rosto visível da misericórdia do Pai? R.

3. Credes no Espírito Santo Consolador, que faz fluir do coração de Deus o grande rio da misericórdia? R.

4. Credes na Santa Igreja Católica, Mãe e Casa de misericórdia? R.

5. Credes na vida eterna e na misericórdia divina, que triunfa do juízo? R.

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 2019 – 3.º ESQUEMA**

**1.** No cais da conversão, há um sério aviso à navegação: «*Se não vos converterdes, morrereis todos*» (Lc 13,5), o mesmo é dizer, se não mudardes de rota não chegareis a bom porto! É preciso arrepiar caminho e sem demora. Esta mudança começa em mim e por mim e não se faz sem mim, porque, nesta barca, ou se salvam todos ou não se salva ninguém. “*Quem se julga de pé* *tenha cuidado para não cair*” (*1* *Cor* 10,12).

**2.** “*40 dias para chegar a bom porto*” é para todos o tempo favorável da infinita paciência de Deus. Jesus compara este *prazo* especial ao cuidado de um camponês, que mima a sua figueira e lhe dá mais um ano, na esperança de que venha a dar frutos. Esta oportunidade de salvação ganha particular significado quando recordamos o incisivo apelo à conversão, que o profeta Jonas lançara outrora aos ninivitas: «*Dentro de quarenta dias Nínive será destruída*» (*Jn* 3,4). Não é uma ameaça. É a certeza de que o mundo não pode mudar se não mudarmos nós.

**3.** O apelo de Jonas contém, pois, um especial significado de urgência de salvação, de necessidade imperiosa de conversão, a vários níveis:

* *Conversão pessoal*, mudando a rota da nossa vida, e voltando o nosso coração definitivamente para o Senhor, para chegarmos com Ele a bom porto. *Estou disponível para confiar às mãos de Cristo o leme da minha vida e mudar de rota?*
* *Conversão moral*, afastando-se cada um do seu mau caminho e das violências que tenha praticado, para produzir abundantes frutos de amor. *Estou decidido a dar prioridade às necessidades dos outros sobre os meus interesses?*
* *Conversão ecológica* (LS 217), cuidando do mundo como Casa comum, para transformarmos os desertos da Terra em jardim da nova Criação. Na verdade, morreremos todos e tudo será destruído, “*os homens e os animais, os bois e as ovelhas*” (*Jn* 3,7.8), se o *homem velho*, dominador e devorador não se converter em nova criatura (*2 Cor* 5,7), se não aprender a viver como filho de Deus e como irmão. *Estou decidido a mudar o meu estilo de vida e os meus hábitos de consumo, de modo a alegrar-me com pouco, com o mais simples, dando apreço às pequenas coisas da vida* (cf. *LS* 222-223)?
* *Conversão missionária, vencendo* a tentação de Jonas, de fugir para um lugar seguro. Esse lugar seguro pode ter muitos nomes, tais como o individualismo, o espiritualismo, o fechamento em mundos pequenos, a dependência, a instalação, as ideias fixas, o saudosismo, o pessimismo, o refúgio nas leis (cf. GE 134). É grande a tentação da habituação, do “*fez-se sempre assim*” (EG 33). Talvez nos sintamos relutantes em deixar um território que nos era conhecido e controlável. Temos medo de enfrentar contextos novos e mais difíceis. Saiamos ao encontro dos outros, para os escutar nos seus sonhos e anseios, para lhes propor um caminho novo, para os contagiar na alegria da fé, de modo que o nosso respeito pela diferença não nos faça cair na indiferença! *Estou decidido a vencer a síndrome de Jonas, a perder o medo, a sair da mediocridade tranquila e anestesiadora, a avançar «por mares nunca dantes navegados»?*

**4.** Deixemos que o Senhor venha hoje despertar-nos, “*dar-nos um abanão na nossa sonolência, libertar-nos da inércia, para nos deixarmos mover pelo que acontece ao nosso redor e pelo clamor da Palavra viva e eficaz do Ressuscitado*” (GE 137), que nos precede e nos excede no Seu amor**.** É realmente preciso mudar, em várias direções, mas num rumo certo e aberto à novidade de Deus na nossa vida!

**5.** Lembremo-nos, por fim, da séria advertência de Jesus, que recai agora sobre nós: “*No dia do juízo,* – disse Jesus – *os habitantes de Nínive hão de levantar-se contra esta geração, para a condenar, porque fizeram penitência, quando ouviram a pregação de Jonas. Ora aqui está quem é mais do que Jonas*” (*Mt* 12,41). Entremos com Ele, neste cais da conversão, para sairmos de nós mesmos, sem medo, e chegarmos juntos a bom porto!

**Oração dos fiéis**

P.Irmãos e irmãs:elevemos ao Deus da misericórdia e da paz, por meio de seu Filho, morto e ressuscitado, as preces confiantes do seu povo penitente, invocando (cantando):

**R. *Cristo, porto da misericórdia e da paz, ouvi-nos!***

***(Se for cantado) Cristo, porto da misericórdia e da paz!***

1. Pela Igreja: para que não se deixe vencer pela síndrome de Jonas, mas se converta cada vez mais numa Igreja em saída. Invoquemos (cantemos). R.
2. Pelos que têm a seu cuidado o governo dos povos: para que promovam políticas favoráveis à defesa do ambiente e ao cuidado amoroso de toda a Criação. Invoquemos (cantemos). R.
3. Pelas vítimas das tragédias naturais: para que o seu grito de dor nos acorde para a urgência da conversão ecológica, através de um estilo de vida mais simples, mais sóbrio e mais solidário. Invoquemos (cantemos). R.
4. Por todos nós: para que tenhamos a coragem de mudar a rota, confiando às mãos de Cristo o leme da nossa vida. Invoquemos (cantemos). R.

P.Ó Deus, paciente e cheio de misericórdia, que nos concedeis este tempo favorável para nos convertemos a Vós de todo o coração, despertai os nossos ouvidos, comovei os nossos corações, movei as nossas mãos, para que saiamos de nós mesmos ao encontro dos irmãos e assim a nossa vida dê bons frutos e chegue a bom porto. Por N.S.J.C., porto da misericórdia e da paz e Deus convosco na unidade do Espírito Santo. R. Ámen.

**Liturgia Eucarística:**

Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas

Prefácio da Quaresma VI | Santo | Oração Eucarística II

Aclamação “Mistério da fé para a salvação do mundo”**.**

Ritos da Comunhão

**Ritos finais**

**Agenda pastoral** – Palavra-passe para o cais da conversão: “**Frutos**”

1. Quinta-feira, 28, às 21h30, nas instalações da Associação de Pais da Senhora da Hora, lectio divina a partir do Livro de Jonas.

2. Sexta-feira, dia 29, às 14h30, Missa no CIVAS. Não há Missa às 19h00.

3. Iniciativa “24 horas para o Senhor” decorre, na Igreja Antiga, desde as 22h00 de sexta-feira, 29 de março, até às 21h30 de sábado, dia 30. Conclui na nossa Igreja Paroquial, com Concerto Espiritual, pelo *Vidi Aquam* Coral de Nossa Senhora da Hora, no sábado, dia 30, a partir das 21h30. **Numa e noutra Igreja, estará uma caixa, para depositar donativos, a favor das vítimas do IDAI em Moçambique.**

4. Será este o duplo destino do contributo penitencial: 50% para o Fundo Diocesano de Solidariedade Social e a outra metade para ajuda à Venezuela, num programa da Caritas local, cuja função é localizar e suprir situações de carência alimentar severa ou grave, particularmente entre crianças e grávidas. Este contributo pode ser entregue na secretaria paroquial ou em qualquer uma das missas do Domingo de Ramos.

**Bênção final**

**Despedida:** Agora Jesus está dentro de nós e bate para que O deixemos sair. Sem medo, ide, da missa à missão. E que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**OUTRAS HOMILIAS**

**NO III DOMINGO**

**DA QUARESMA C**

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 2016**

«***Bebiam de um rochedo espiritual que os acompanhava***

***e esse rochedo era Cristo*»** (I Cor 10,5).

**1.** Numa terra tão árida e seca, como a Palestina, «*dar de beber a quem tem sede*» chegava a ser mais importante do que «*dar de comer a quem tem fome*». A resistência à sede é, nos seres vivos, bem mais curta do que a de um longo tempo de fome. Por isso, esta *obra de misericórdia* para com os homens é também um dever sagrado para com os animais e os outros seres vivos. Jesus, que pede água para beber, junto ao poço de Jacob (Jo.4,6-7) e que grita de sede, no alto da Cruz (Jo 19,28) falara mesmo de uma grande recompensa, «*por um simples copo de água fresca dado a beber a um dos mais pequeninos*» (Mt.10,42). Cristo identifica-se assim com quem precisa de água, para matar a sua sede, e com quem a oferece: «*tive sede e deste-me de beber*» (Mt.25,35).

**2.** É tão marcante esta sede de água, que ela exprime, melhor do que qualquer outra necessidade básica, o desejo e a sede de Deus, comparável à do veado «*que anseia pelas águas vivas*» (Sal.42,2-3). Sinal da bênção divina, a água é dada e derramada sobre «*todos os que têm sede*» (Is.55; Ez.36,25). Mas a grande fonte desta água, que sacia para a vida eterna, é o coração de Cristo! Este Cristo, que teve sede e pediu água para beber, oferece-Se Ele mesmo como «água viva» (Jo.4, 19) que se torna, em quem a bebe, uma «*fonte de água a jorrar para a vida eterna*» (Jo.4, 14). O próprio Jesus diz-nos: «*se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Do coração daquele que crê em Mim jorrarão rios de água viva*» (Jo.7,37; cf. Ap.22,1.17). Por isso, São Paulo não hesita em referir-se a Cristo, como «*rochedo espiritual*» (I Cor. 10,5) do Qual bebem todos os que têm sede, no deserto e na secura das suas vidas.

3. Irmãos e irmãs: Porque a água é hoje um recurso natural escasso, a que alguns chamam «*o ouro a*zul» (CV 61), e porque é “*um direito fundamental*” (LS 30), temos a obrigação moral de garantir a todos água potável e limpa. Não devemos, por isso, desperdiçar a água, pois isso é o mesmo que desprezar os pobres, que não a têm, em outros lugares do nosso planeta. Como poupar então a água? Evitando estar demasiado tempo debaixo do chuveiro, fechando a torneira enquanto me ensaboo ou escovo os dentes, fechando bem as torneiras, para que não fiquem a pingar. Parece fácil mudar estes hábitos, mas não: é um desafio educativo (LS 30; 209) porque estamos acostumados à abundância, ao esbanjamento e precisamos de uma «*conversão ecológica*», isto é, de uma nova relação com o mundo que habitamos. «*Se os desertos exteriores se multiplicaram no mundo, é porque os desertos interiores se tornaram tão amplos»!* Daí o apelo do Papa Francisco a uma profunda “*conversão interior*” (LS 217), para cuidar bem da água, nesta casa comum.

**4.** Assim vemos que esta obra de misericórdia é tão corporal como espiritual! E, por isso, podemos ampliar o sentido do *«dar de beber»*,ao dar alívio a quem está numa grande angústia, semelhante à do sedento, depois de uma longa caminhada pelo deserto*.* Podemos alargar o «*dar de beber*» a quem precisa de saborear a frescura do evangelho e encontrar resposta à sua sede de Deus. Em tudo isto “*somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros*” (EG 86).

5. Irmãos e irmãs: a água com que saciamos a sede é um símbolo maravilhoso da misericórdia divina, porque «*do coração de Deus brota e flui incessantemente o grande rio da misericórdia. Esta fonte nunca poderá esgotar-se, por maior que seja o número daqueles que dela se abeirem*” (MV 25).

Vamos todos a esta fonte e demos a beber aos outros deste grande rio da misericórdia de Deus! Pratiquemos assim a misericórdia, pois «*há sempre mais alegria em dar*» (At.20,35), nem que seja um copo de água!

**HOMILIA NO III DOMINGO DA QUARESMA C 2013**

*«Se não der, mandá-la-ás cortar no próximo ano» (Lc 13,9)*

**1.** Deus é assim mesmo: não o senhor exigente e impaciente, pronto a dar a machada final, sobre uma figueira, que não dá fruto, há já três anos. Antes, o bom Deus se vê e revê neste camponês, paciente e confiante, que se apronta para mimar ainda mais aquela árvore, com cuidados intensivos, para que venha a dar fruto. Este é o Deus da esperança, que nos deixa, mais “*um aviso à navegação*”, que nos dá ainda mais um ano, ainda um dia mais, sempre fiado e esperançado em mim, e em nós, nesta árvore, que, a seus olhos, é sempre boa, capaz de dar fruto, e por, isso mesmo, digna de toda a piedade e clemência. Deus é este pobre camponês, às voltas e voltas, comigo: trabalha-me, mima-me de oportunidades, cuida de mim, de tal modo que posso sentir as suas mãos, na terra árida do meu coração. Ele não quer a morte do pobre pecador, mas quer antes que se converta e viva! Por isso, deixa um reiterado apelo à conversão: «*se não vos converterdes, morrereis todos da mesma maneira*» (Lc 13,3.5). É um sério aviso à navegação. É preciso arrepiar caminho, voltar as fontes, se queremos encontrar a Vida!

**2.** “*Talvez venha a dar frutos”* (Lc 13,9) para o futuro. Neste *«talvez»* está o milagre da piedade divina, capaz de esperar algo de muito grande, a partir de uma pequeníssima probabilidade. Isto mesmo lhe basta, para esperar, em mim, e por mim. Ele contenta-se com um «*talvez»*. Ele agarra-se a um frágil «*talvez»*, a uma ténue esperança, para justificar um tempo mais, uma nova oportunidade, para a conversão.

**3.** Não posso deixar de pensar neste «*mais um ano*». É pois, mais um *ano de graça*, um ano especial, um ano de misericórdia, de clemência, que o paciente camponês oferece, na esperança de que a árvore da minha vida, a árvore da Igreja, sobre a qual os pássaros fazem ninho, *venha a dar fruto*. Como não pensarmos, neste «***Ano da fé***», em que são tantos os sinais, que nos convocam para a humildade, para a necessidade de mudança?! Que será da Igreja, que será de cada um de nós, se deixarmos passar, em vão, este tempo favorável, esta oportunidade de conversão? Nesta perspetiva, «*o Ano da Fé é convite para uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo*» (PF 6).

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Estamos já no final do segundo trimestre, deste Ano da Fé. Iniciámos hoje a terceira semana da Quaresma. A barca da Igreja navega, em águas tumultuosas, e agora, anda em busca de um timoneiro, com mais vigor, à altura de tão difícil maré. São sinais de alarme, avisos à navegação, que vêm de tantos lados, para não sucumbirmos ao naufrágio da fé. Estou consciente da gravidade desta hora? Estou consciente, de que a necessária renovação da Igreja, se realizará, também através do meu testemunho de vida nova? Estou consciente da minha necessidade de purificação, de conversão, de mudança, da mente, do coração, da vida, em ordem à renovação da fé? Estou a aproveitar, mais e melhor, os tempos de formação, de celebração, de oração, para me converter a uma fé mais esclarecida, vivida, celebrada e rezada? Na prática, rezo mais? Leio mais? Levo mais a peito, a missa dominical, como *mistério admirável da fé,* e não como *sacramento descartável*, que dispenso a troco de tudo e de nada? Estou mesmo disponível para mudar os meus hábitos e interesses, para recolocar Deus, como centro e prioridade da minha vida? De que estou à espera, se me é dado este ano, tão especial, para esta mudança?!

**5.** A paciência de Deus não tem limites! É verdade. Mas têm limites os tempos e as oportunidades, da minha conversão! Aqui fica, pois, o aviso à navegação! «*Se não vos converterdes, morrereis todos da mesma maneira*» (Lc 13,3.5).

**HOMILIA NA MISSA COM CATEQUESE - III DOMINGO COMUM C 2013**

**1.** Deixámos o cais de partida e já nos foi mostrado o cais de chegada! Agora entramos em *velocidade de cruzeiro*, nesta longa viagem da fé, mas é preciso ter cuidado, é preciso estar *sempre alerta*, porque, quando menos pensamos, sobrevêm as tempestades, agita-se a barca da Igreja, que atravessa o mar tempestuoso da história! Temos visto, ao longo dos últimos dias, como é difícil levar a bom porto, esta barca. O próprio timoneiro, o Papa, sentiu-se cansado e já sem forças, perante a avalanche de ventos contrários, que sacodem a Igreja. E nós esperamos ansiosamente um novo Papa, e talvez um Papa novo, para conduzir esta barca, que não está em maré de bonança, mas em maré de mudança.

**2.** É neste sentido, que podemos e devemos ler os avisos de Jesus, as suas advertências, no evangelho de hoje: é preciso estarmos atentos! Jesus diz-nos: «*se não vos converterdes, morrereis todos*». Podemos mesmo naufragar, ir ao fundo, perder a fé! Ele chama-nos a atenção: é preciso estarmos *sempre alerta*, é preciso mudar, é preciso arrepiar caminho, inverter a marcha. Não são só os outros que têm de mudar. Esta mudança começa em mim, e por mim. Nesta barca, ou se salvam todos ou não se salva ninguém. Por isso, “*quem se julga de pé”*, quem se julga bom, quem se julga seguro de si mesmo, ”*tenha cuidado para não cair*” diz São Paulo.

**3.** Para isso, Deus dá-nos sempre uma oportunidade, dá-nos mais um dia, mais uma vez, mais uma quaresma, mais um tempo… e até mais um «ano», «e um ano da fé», para que nós dêmos fruto. Jesus compara esta «*atenção*» especial de Deus connosco, à de um camponês, que dá mais um ano, que reforça os cuidados com a sua figueira, na esperança de que venha a dar fruto.

**4.** Queridos irmãos e irmãs, queridos meninos e meninas:

Estamos já no final do segundo trimestre, deste Ano da Fé. Iniciámos hoje a terceira semana da Quaresma. Como vos disse, a barca da Igreja navega, em águas tumultuosas, e agora, anda em busca de um timoneiro, com mais vigor, à altura de tão difícil maré. São sinais de alarme, avisos à navegação, que vêm de tantos lados, para não sucumbirmos ao naufrágio da fé.

* Estou consciente da gravidade desta hora?
* Estou consciente, de que a renovação da Igreja, se realizará, também através do meu testemunho de vida nova?
* Estou consciente da minha necessidade de mudança, da mente, do coração, da vida, em ordem à renovação da fé?
* Estou a aproveitar, mais e melhor, os tempos de catequese, de celebração, de oração, para me converter a uma fé mais esclarecida, vivida, celebrada e rezada?
* Na prática, neste ano da fé, rezo mais? Leio mais? Levo mais a peito, a missa dominical, como *mistério admirável da fé,* e não como *sacramento descartável*, que dispenso, a troco de tudo e de nada?
* Estou mesmo disponível para mudar os meus hábitos e interesses, para colocar Deus, como centro e prioridade da minha vida?
* De que estou à espera, se me é dado este ano, tão especial, para esta mudança?!

**5.** A paciência de Deus não tem limites! É verdade. Mas têm limites os tempos e as oportunidades, da minha conversão! Aqui fica, pois, o aviso à navegação! «*Se não vos converterdes, morrereis todos da mesma maneira*» (Lc 13,3.5).

**Homilia (Catequese) no III Domingo Comum C 2010**

**1.** Mais uma tragédia, a somar ao noticiário da desgraça! “*Dezoito homens mortos, na queda da torre de Siloé*”! Foi este o episódio, que nos inspirou, a propor, para esta Quaresma, uma semana dedicada à compaixão, com as pessoas vítimas de acidentes e de tragédias! Na altura de programar este tempo, estávamos longe de imaginar uma proposta tão assertiva, e infelizmente tão actual! Do Haiti, à ilha da Madeira, passando agora pelo Chile, sem esquecer os estragos na zona oeste do sul do nosso país, até chegar às portas de nossa casa, este tem sido o Inverno de todas as tragédias! A gente, com tudo isto, vê, ouve e sente uma espécie de abalo interior da fé! Trememos, cá por dentro, dizendo… «*Porquê, meu Deus»?*

**2.** Não faltaram respostas precipitadas à pergunta. Um dos tele-evangelistas mais populares da América declarou publicamente que o terramoto seria uma punição de Deus, levada a cabo contra os infiéis. Muitos haitianos chegaram à mesma conclusão. Um artigo no New York Times (14-1-2010), cita uma mulher que dizia que “*Deus está zangado com todos os pecadores, mas em particular com os Haitianos*”. Para ela “*o sismo é um castigo divino*”. Contudo, também afirmou que o evento fortaleceu a sua fé! Respostas semelhantes foram dadas por muitos que, ao longo de noites de total escuridão, com o cheiro a morte no ar, se confortaram cantando hinos de louvor a Deus! E saíam dos escombros, exclamando: *Obrigado, Senhor!*

**3.** *Porquê, meu Deus?* A pergunta volta-nos sempre, como uma réplica do primeiro abalo! Se Deus é simultaneamente todo-poderoso e inteiramente bom, como pode permitir a existência do mal? Como podemos explicar o fenómeno do sofrimento dos inocentes?!

Certamente Deus, que nos julga na verdade e na caridade, não fará tábua rasa dos nossos pecados ou dos nossos atos de amor. Esse juízo, porém, nunca se aplicaria de modo a levar Deus a infligir sofrimento físico ou emocional, sobre pessoas, nações ou povos inteiros! Até ao dia do Juízo Final, o “castigo” divino limitar-se-á – quando muito – ao facto de Deus, tristemente, sofrer connosco as tempestades dos ventos que semeamos, com o nosso desrespeito brutal pelos ritmos da natureza! E poderemos também descobrir em algum sofrimento pessoal, caminhos de Deus, para a nossa conversão. Todavia, o Deus cristão, cuja essência é o amor, este nosso Deus, que Se entregou ao sofrimento e à morte, para daí nos resgatar, não pode ser, em circunstância alguma, um Deus vingativo, cuja “justiça” ultrapassaria a misericórdia e a compaixão!

**4.** Infelizmente, a maioria dos cristãos tem ainda uma imagem muito infantil de Deus, vendo-O, como um Deus cioso que sabe tudo, ou um Deus caprichoso, que faz tudo o que lhe apetece e se lhe apetece! Não é esse, de facto, o rosto do Deus, que se revelou em Jesus Cristo! Mesmo se o Antigo Testamento, uma ou outra vez, nos sugere a ideia do castigo divino, só poupado pela conversão, a verdade é que, diante de Moisés, Ele Se revelava como um Deus próximo e libertador, um Deus atento ao seu povo, capaz de ver a sua miséria e de escutar o seu clamor. Esta solidariedade de Deus, com toda a dor da condição humana, chegará ao seu extremo na Cruz.

**5.** Por isso, o nosso olhar de fé, perante o drama do sofrimento, há-de ver-se e rever-se continuamente na Cruz. Aí, na Cruz, Deus ligou-se livre e amavelmente ao sofrimento humano. O “Deus Omnipotente”, fez-Se um de nós, deixou cair e recair sobre Ele as nossas culpas, de modo que a única força que usa é a do poder inerme e enorme do seu amor por nós! “*Deus omnipotente que, segundo o pensamento dos filósofos, não podia padecer, revelou-se afinal, em Cristo, como “Deus que se pode compadecer*”. Diz-nos ainda o Papa: “*O próprio Deus Se fez homem, para poder padecer com o homem, de modo muito real, na carne e no sangue, como nos é demonstrado, na Paixão de Jesus. A partir daí,* [isto é, a partir da Paixão de Cristo], *entrou em todo o sofrimento humano a presença de Deus, desse Deus, que partilha o sofrimento e a sua suportação! A partir da Paixão de Cristo propaga-se em todo o sofrimento a consolação do amor solidário do nosso Deus*” (cf. Bento XVI, Spe Salvi, 39), um Deus, clemente e cheio de compaixão (Sal.102)!

**6.** Portanto, tudo o que podemos dizer sobre as tragédias, como a do Haiti ou da Madeira, ou a morte de uma criança na estrada, é que Cristo está presente connosco, para compartilhar totalmente a nossa tristeza e dor! Cristo é o Servo Sofredor, que caminha connosco e por nós, carregando a nossa dor, a nossa angústia, os nossos pecados e limites! Cristo desce, repetidamente, às profundezas do nosso abismo, para tomar as nossas mãos e levar-nos da escuridão, para a sua luz radiosa. Para todos os que estão presos debaixo dos escombros, Cristo está lá, a partilhar a sua agonia até ao fim terrível. Está com todos os que choram a morte dos seus queridos, carrega as suas tristezas e as suas angústias. Ele é o “Deus connosco!”. Não, em primeiro lugar, o Deus da justiça e do juízo, mas o Deus de amor infinito, que permanece “*em agonia até ao final dos tempos*” (Pascal), o Deus clemente e cheio de compaixão!

**7.** Irmãos e irmãs! A Cruz e a Ressurreição puseram fim à soberania do Mal, sobre o mundo e sobre as nossas vidas. Mas esta luta continua, tal como o pecado continua, como os desastres naturais continuarão, até que Cristo regresse na Sua glória! Não por acaso, diante do sepulcro vazio, o anjo da Páscoa continuará a referir-se a Cristo, como “o Crucificado”. Isso quer dizer, que mesmo Ressuscitado, Cristo continuará a ser, no nosso tempo, “o Crucificado” na vida e na experiência de cada um, que O procura, em primeiro lugar, talvez, na vida dos que clamam por Ele debaixo dos escombros!

Diante da imensa tragédia, do Haiti, da Madeira, do Chile, onde se perpetua a paixão de Cristo, a nossa fé, só pode vencer tamanha prova, se aceitar o desafio da única resposta: a compaixão do coração, através de uma oração serena, de uma atenção pronta e eficaz, e de uma partilha generosa!

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 2007**

**“O amor é paciente”!** (I Cor.13,4)

A paciência é dos mais belos atributos do Amor, referidos por São Paulo, no seu Hino à Caridade, que nos tem servido aqui de guia e inspiração, ao longo desta Quaresma. Não queria hoje “perder a paciência”, com aquela “santa paciência” de que todos dizem sentir falta. Aprendamos antes de Jesus, a paciência de Deus. Que nos diz Ele a esse respeito, na parábola da figueira estéril?

**1.** Diz-nos que há uma árvore sem importância, como a figueira, a destoar no meio de uma vinha; uma árvore que devia dar fruto, mais que uma vez por ano, e não dá fruto há três anos. Parece que tudo justifica a sentença fatal, na ameaça do senhor daquela vinha: *ser cortada e lançada fora, para não ocupar inutilmente o lugar*. Mas é precisamente esta árvore, aquela que parece já não ter direito ao seu lugar, e pela qual ninguém perderia o seu tempo, que vai merecer do vinhateiro um prazo especial, uma atenção exclusiva, um cuidado nunca visto e redobrado. É-lhe cavada e adubada a terra, coisa que nunca se viu fazer a uma figueira; diríamos mesmo que ela recebe, um “*tratamento de excepção*”, superior ao de qualquer lucrativa videira.

**2.** “*Talvez venha a dar fruto na próxima estação*” (Lc.13,9), lembra o vinhateiro. É esta a esperança, que poupa à morte aquela figueira estéril. “*É uma esperança que se manifesta na virtude da paciência*” (DCE 39). Não a «*paciência*» de quem se resigna ou esmorece, perante o insucesso. Mas sim a paciência de quem ama, e por isso mesmo, sem perder a esperança, luta e labuta, pela vida daquele que ama. “*A paciência é a medula do amor*” (Santa Catarina de Sena). O vinhateiro, que cava e aduba a terra em volta da figueira, faz figura daquela paciência de Deus, que se ocupa e preocupa connosco, que nos dá o tempo presente, como oportunidade de mudança. «*Este é o sinal de Deus: Ele mesmo é amor*». E o amor é paciente! “*A sua paciência torna-se para nós um convite à penitência***”** (Santo Agostinho), isto é, um apelo urgente à conversão, pois todos sabemos que esta figueira é cada um de nós, a merecer, da parte de Deus, “*cuidados intensivos*”.

**3.** Mas a atitude drástica do «senhor» daquela parábola, põe também a nu a nossa impaciênciacom a paciência de Deus! «*Quantas vezes nós desejaríamos que Deus se mostrasse mais forte. Que atingisse duramente os maus, que vencesse o mal e criasse um mundo melhor? Esquecemo-nos de que foi assim que todas as ideologias do poder justificaram a destruição da pessoa, em nome daquilo que se opunha ao rápido progresso da humanidade. Nós sofremos pela paciência de Deus. E de igual modo todos temos necessidade da sua paciência*” (Bento XVI, 24.05.2005). Quando o mal domina e a vitória do bem se demora, a nossa impaciência com a paciência de Deus só mostra “*falta da humildade, para aceitar o mistério de Deus e confiar n’Ele, mesmo na escuridão*” (DCE 39).

De facto, a maneira de ser e de agir de Deus é diferente daquela que nós imaginamos e que gostaríamos de impor também a Ele. “O Deus, que se deixou trespassar na Cruz, diz-nos que o mundo é salvo pelo Crucificado e não por quem crucifica. O mundo é redimido pela paciência de Deus e é destruído pela impaciência dos homens” (Bento XVI, 24.05.2005). Numa palavra, Deus é Amor. E o amor é paciente!

**4.** Esta semana, lá em casa, na base de terra onde plantamos a Cruz, vamos colocar algumas *sementes de trigo*. Jesus comparou a sua morte e ressurreição à sorte do grão de trigo que é lançado à terra e morre, transformando-se lentamente, e na escuridão, para dar fruto. Mas a semente lembra também a *paciência* do semeador. Deus espera activamente, por nós, como o semeador espera pelo germinar da semente. Deus cuida de nós, como o jardineiro, que protege e cuida da sua planta favorita. E cuida de nós, com grande amor e paciência. Aprendamos de Deus, em família e na relação com os demais, aquela paciência, que é a coragem de todos os dias, para começar e recomeçar. O amor não tem pressa. É a história verdadeira de uma longa espera. “O amor é paciente” (I Cor.13,4)!

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 2004**

**1.** Isto da “*conversão*” não é mais uma conversa de salão! É mesmo uma questão de vida ou de morte. «*E vós se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo*» (Lc.13,3.5)! É a resposta clara de Jesus, a quem se julga “*são e salvo*”, e não sabe que o seguro morreu de velho! Jesus desarma os seus interlocutores, de todas essas falsas seguranças, com um sério aviso de “*perigo de morte*” dirigido a quem julga estar “de pedra e cal”. «*E vós se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo!*» (Lc.13,3.5). Como quem lhes diz, que pior mesmo do que ser morto injustamente, é estar vivo só aparentemente. Ou que, pior do que morrer de acidente, é já estar morto, mesmo antes de morrer de repente. Para Jesus, o pecado é tão mortal, tão ladrão e inimigo da vida, como fatal pode ser a espada de um Pilatos assassino ou a queda acidental de uma torre. E por isso, aqueles dois casos, como o do atentado em Madrid, em vez de confortar os que lhes escaparam, só lhes deveriam servir de exemplo. «*Quem se julga de pé, tenha cuidado, para não cair*» (I Cor.10,12), advertirá o Apóstolo Paulo.

**2.** É, pois, urgente a conversão, para encontrar a vida, a qualidade de vida, a vida em abundância (Jo.10,10), a vida de Deus. E a verdade, é que “*Deus não quer a morte do pecador, mas antes que ele se converta e viva*” (Ez.33,11). E por isso, o momento presente, este e não outro, hoje e não amanhã, é sempre “o tempo favorável” (II Cor.6,2), que Deus nos concede, para arrepiar caminho, voltar para Ele, de todo o coração, e encontrar a vida.

Jesus ilustra esta bondade paciente de Deus, com a parábola da figueira estéril (Lc.13,6-9). Vede bem: uma árvore sem importância, a destoar no meio de uma vinha, não dá fruto e parece estar ali a mais, pelo que não mereceria outro destino: ser cortada e lançada fora, para não ocupar inutilmente o lugar. Mas é esta árvore, pela qual ninguém perderia o seu tempo, que vai merecer do vinhateiro um prazo especial, uma atenção exclusiva, um cuidado nunca visto e redobrado. Cavada e adubada, a figueira recebe um “tratamento de excepção”, que nem às trabalhosas e lucrativas videiras se daria. Para grandes males, grandes remédios. “*Talvez venha a dar fruto na próxima estação*” (Lc.13,9). É esta a esperança que não deixa morrer a figueira estéril. Ela sobrevive à morte e viverá graças à misericórdia, de quem olhou para ela, com especial compaixão. Esta esperança justifica uma oportunidade, que bem pode ser a última. Só Deus sabe. E todos sabemos que esta figueira é cada um de nós, a merecer, da parte de Deus, “*cuidados intensivos*”. E é uma questão de vida e de morte: «*E vós se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo!*» (Lc.13,3.5).

**3.** Caríssimos irmãos. Receio bem que, no íntimo dos nossos corações, também nós nos ponhamos de fora, como se estivéssemos livres deste «*perigo*» de morte, pensando assim: «*Bom, isto de conversão, não é para mim. Talvez para o Joaquim, que nem à Missa vem*». Ou então, como a idade já pesa, outro poderá dizer: «*tenho as minhas obrigações em dia. E não faço mal a ninguém. Isto da conversão é para o meu irmão, que até se recusa a falar comigo*». A maioria, confortavelmente sentada e segura, dirá: «*Eu não mato, nem roubo. E a não ser umas mentiritas, que não dão prejuízo a ninguém, não vejo que mais possa fazer. Tenho uma pessoa que me fez mal, mas eu deito tudo para trás das costas e Deus que lhe perdoe, que eu também lhe perdoo. Sinceramente não lhe quero mal nenhum*»…

Com estas e outras, o que nos acontece é estarmos realmente mortos e a apodrecer e a corrermos o risco de só acordarmos quando morrer. Neste caso, **a primeira conversão** é a de nos convertermos **à necessidade de conversão**. Porque não há ninguém, que esteja fora do alcance deste apelo: *«Convertei-vos*» (Mc.1,14-15). E que significa, para mim esta primeira palavra da pregação de Jesus? De que tenho eu de me converter? A que me devo converter? A quem me converterei?

**4.** Não posso dar uma resposta exacta e definida para cada um. Pois a interpelação da parábola é sempre a de alguém que nos bate à porta. Mas a porta só abre por dentro. E é cada um que tem a chave da resposta. Permitam-me, porém, bater à vossa porta, do lado de fora:

- A mais básica **conversão (moral)** é a do meu “**mau proceder**” (Is.1, 16). Se tenho um pecado, um vício, um defeito, um mau costume, uma falta aqui ou um excesso acolá, «converter-me» é «*evitar o mal e de procurar o bem*» (Am.5,14-15). Garantindo assim aos outros o mínimo, que justamente podem aspirar e esperar de mim.

- Mas se alguém aqui, porventura, entender que não tem **coisas de maior**, deverá passar então às **coisas do pormenor**. “*Sede perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito*» (Mt.5,48). Há que procurar a perfeição, nas mais pequeninas coisas, no trato com os outros, no acabamento e remate do meu trabalho, para evoluir sempre e cada vez mais no seu modo de ser, de dizer, de dar, de fazer. Trata-se aqui não tanto em passar do «mau» ao «bom», mas do «bom» ao «melhor». Trata-se de ser “mais” e não o “maior”. E quem algum dia poderá dizer, com verdade, que já atingiu o máximo, que já chegou, seja no que for, à perfeição? O que falta até aí, é o caminho da conversão.

- Viro-me agora, em direto, para nós, que aqui estamos, os chamados “praticantes”, para falar da nossa **conversão** «**religiosa**». Um exemplo: Quero muito a conversão do outro, que não vem à Missa. É um desejo legítimo. Mas não tenho eu de me converter do meu modo superior de o olhar, da minha pressa em o julgar? Da minha dificuldade em o aceitar? E a sua lentidão não se deve também à minha forma pouco convicta de celebrar e de viver a fé?

Que dizer da minha presença na celebração dominical? Outros não vêm, é verdade. Mas eu venho e fico de lado. Outros ficam de lado, e eu sento-me, mas estou amuado. Eu não amuo, como alguns, mas não estou entusiasmado. Não canto, sou desafinado. Mas pede-se, no ofertório, e não dou nada, porque ainda não estou remediado. Estou atento à Missa, mas não comungo, por não me ter confessado! Comungo nas condições, mas sem ter saboreado. Chego tarde, saio antes de ter acabado… E olhai, mesmo quando nada disto me acontece, não é verdade que tenho de me converter, porque tudo isto me aborrece?!

- Mas a mais difícil conversão, queridos amigos, é aquela que tem de se operar na **mente e no coração (conversão mental)**. Quando olhamos para este modo de ser de Deus, clemente e compassivo, para a sua forma de agir, paciente e cheia de bondade, não nos sentimos tão longe desse ideal, no modo como vemos Deus e os outros? A loucura com que Deus se perde, pelo que não presta aos olhos do mundo, os cuidados que Ele tem pelos mais pecadores, a sua predilecção pelos mais fracos, a sua paciência por nos procurar até encontrar (Lc.15), não me deveriam converter a amar estas pessoas, a amar os marginais, os mais difíceis, os terríveis, a amá-los mais e melhor, a amá-los antes mesmo do bem que me proponho fazer-lhes? E se uma pessoa me é difícil de encarar e de conviver, porque espero apenas a sua conversão, se ainda não fiz nada para me adaptar? E, se no fundo, ainda não a cheguei a perdoar?!

- Isso conduzir-nos-ia a uma outra conversão, a mais profunda de todas, a **conversão teologal**, que é a do nosso modo de ver e viver com Deus, do nosso modo de falar dele e com Ele. Trata-se, no fundo, de nos convertermos “dos ídolos ao Deus vivo e verdadeiro” (Act.14,15; I Tes.1,9).

Vede bem: Apesar de termos diante de nós e ao peito um Deus Crucificado, que desprezou a importância, a fama, o poder, não andamos enganados, por exemplo, quando pedimos ou atribuímos o sucesso a Deus, ou quando reclamamos a sorte e o êxito dos nossos trabalhos, como fruto exclusivo dos nossos méritos pessoais ou dos merecimentos diante de Deus? Não fazemos de Deus «*pau para toda a colher*»? Só Lhe falta meter golos, a troco de Pai-Nossos e promessas de ir a pé! Mesmo se rezo… e até rezo… e quando rezo, como rezo? É que os pagãos também rezam (Mt.6,7). Distingue-me deles a confiança filial, a intimidade amorosa, a perseverança audaz e humilde no meu modo de rezar? Quantas vezes não rezarei, «*com receio de olhar para Deus*» (Ex.3,6), ou pior ainda, na expectativa de converter Deus aos meus desejos e não de converter os meus desejos à vontade de Deus?

**5.** Como vedes, ninguém escapa a este apelo. Da nossa resposta, depende a vida ou a morte. Este tipo de conversão, de que hoje vos falo, não se vê tanto nas obras. Mas manifesta-se sobretudo pelos frutos. E é por esses frutos, que Deus ainda espera, neste tempo favorável! «*Produzi frutos dignos desta conversão*»! (Mt.3,8; Lc.3,8).

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 2004**

**1.** Isto da “*conversão*” não é mais uma conversa de salão! É mesmo uma questão de vida ou de morte. «*E vós se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo*» (Lc.13,3.5)! É a resposta clara de Jesus, a quem se julga “*são e salvo*”, e não sabe que o seguro morreu de velho! Jesus desarma os seus interlocutores, de todas essas falsas seguranças, com um sério aviso de “*perigo de morte*” dirigido a quem julga estar “de pedra e cal”. «*E vós se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo!*» (Lc.13,3.5). Como quem lhes diz, que pior mesmo do que ser morto injustamente, é estar vivo só aparentemente. Ou que, pior do que morrer de acidente, é já estar morto, mesmo antes de morrer de repente. Para Jesus, o pecado é tão mortal, tão ladrão e inimigo da vida, como fatal pode ser a espada de um Pilatos assassino ou a queda acidental de uma torre. E por isso, aqueles dois casos, como o do atentado em Madrid, em vez de confortar os que lhes escaparam, só lhes deveriam servir de exemplo. «*Quem se julga de pé, tenha cuidado, para não cair*» (I Cor.10,12), advertirá o Apóstolo Paulo.

**2.** É, pois, urgente a conversão, para encontrar a vida, a qualidade de vida, a vida em abundância (Jo.10,10), a vida de Deus. E a verdade, é que “*Deus não quer a morte do pecador, mas antes que ele se converta e viva*” (Ez.33,11). E por isso, o momento presente, este e não outro, hoje e não amanhã, é sempre “o tempo favorável” (II Cor.6,2), que Deus nos concede, para arrepiar caminho, voltar para Ele, de todo o coração, e encontrar a vida.

Jesus ilustra esta bondade paciente de Deus, com a parábola da figueira estéril (Lc.13,6-9). Vede bem: uma árvore sem importância, a destoar no meio de uma vinha, não dá fruto e parece estar ali a mais, pelo que não mereceria outro destino: ser cortada e lançada fora, para não ocupar inutilmente o lugar. Mas é esta árvore, pela qual ninguém perderia o seu tempo, que vai merecer do vinhateiro um prazo especial, uma atenção exclusiva, um cuidado nunca visto e redobrado. Cavada e adubada, a figueira recebe um “tratamento de excepção”, que nem às trabalhosas e lucrativas videiras se daria. Para grandes males, grandes remédios. “*Talvez venha a dar fruto na próxima estação*” (Lc.13,9). É esta a esperança que não deixa morrer a figueira estéril. Ela sobrevive à morte e viverá graças à misericórdia, de quem olhou para ela, com especial compaixão. Esta esperança justifica uma oportunidade, que bem pode ser a última. Só Deus sabe. E todos sabemos que esta figueira é cada um de nós, a merecer, da parte de Deus, “*cuidados intensivos*”. E é uma questão de vida e de morte: «*E vós se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo!*» (Lc.13,3.5).

**3.** Caríssimos irmãos. Receio bem que, no íntimo dos nossos corações, também nós nos ponhamos de fora, como se estivéssemos livres deste «*perigo*» de morte. Neste caso, **a primeira conversão** é a de nos convertermos **à necessidade de conversão**. Porque não há ninguém, que esteja fora do alcance deste apelo: *«Convertei-vos*» (Mc.1,14-15). E que significa, para mim esta primeira palavra da pregação de Jesus? De que tenho eu de me converter? A que me devo converter? A quem me converterei?

**4.** Não posso dar uma resposta exata e definida para cada um. Pois a interpelação da parábola é sempre a de alguém que nos bate à porta. Mas a porta só abre por dentro. E é cada um que tem a chave da resposta. Permitam-me, porém, bater à vossa porta, do lado de fora. O que é certo é que ninguém escapa a este apelo. Da nossa resposta, depende a vida ou a morte. Este tipo de conversão, obviamente não se vê tanto nas obras. Mas manifesta-se sobretudo pelos frutos. E é por esses frutos, que Deus ainda espera, neste tempo favorável! «*Produzi frutos dignos desta conversão*»! (Mt.3,8; Lc.3,8).

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 2001**

1. Dezoito homens atingidos pela queda da Torre de Siloé e alguns galileus vítimas da impiedade de Pilatos. A notícia da tragédia, mesmo sem o voo rápido dos nossos abutres da informação, chegara depressa a Jesus. Os «informadores» da época dão conta do sucedido e rapidamente, como no caso da tragédia da Ponte de Entre-os-Rios, e Castelo de Paiva procuram «os culpados». Sacudindo, desde logo, «a água do capote», carregam as culpas sobre as próprias vítimas. Pois, segundo a mentalidade de então, a tragédia aparecia como um castigo divino exemplar e impiedoso para dúzia e meia de pecadores.

2. Jesus não alinha nesta leitura. E em vez de culpar uns para desculpar outros, responsabiliza a todos, alertando para o risco de novas vítimas. Diante da dureza dos acontecimentos, não pode ser Deus o «bode expiatório» das nossas fragilidades, limites e fraquezas. Nem podem ser apenas os outros os culpados da tragédia. Se embarcamos nesta desresponsabilização coletiva, então o mais certo é virmos todos a ser vítimas da nossa incapacidade de mudar. *«E vós se não vos converterdes morrereis todos da mesma maneira» (Lc.13,3.5).*

3. Neste sentido, na queda da Ponte de Entre-os-Rios e Castelo de Paiva como na da Torre de Siloé, permanece atual sobretudo o apelo de Jesus à conversão, a necessidade real e urgente de uma mudança. Afigura-se ainda mais oportuno e propositado o aviso do Apóstolo Paulo: «*Quem julga estar de pé tome cuidado para não cair*» (I Cor.10,12). Mas, aqui chegados, perguntarão alguns dos presentes; Conversão de quê? Ou para quê? Conversão de quem? Ou para quem?

3.1. Em primeiro lugar, a conversão é **voltar para Deus**. É aproximar-se mais d’Ele, escutar atenta e humildemente o Seu apelo, «descalçar as sandálias» (Ex.3,5), contemplá-lo no seu amor inesgotável (Ex.3,3). E isto é tanto para os que estão «de fora», distraídos pelo ruído da vida, indiferentes aos apelos de Deus, como para os que estão aqui dentro, porventura convencidos silenciosamente da sua justiça e indiferentes aos gemidos dos irmãos. O facto de estarmos aqui... «*debaixo da mesma nuvem*» (I Cor.10,1), ao abrigo do mesmo teto, fiéis a uma prática religiosa... não nos garante que estejamos, de todo, a agradar a Deus...«*Pois* – como diz São Paulo, «*os nossos antepassados estiveram todos debaixo da mesma nuvem... e a maioria deles não agradou a Deus*» ( I Cor.10,3.5).

Se a conversão dos que estão lá fora, significará, entre outras coisas, «*passar cá para dentro*», a conversão dos que estão cá dentro, é então não estar aqui como se estivessem lá fora... Bastaria pensar, a este respeito, na quase metade dos católicos praticantes que, segundo o último censo, aqui estiveram na Eucaristia, mas não comungaram. Ou aqui vêm, mas não se comprometem. Para estes, para todos nós, conversão é «aproximarmo-nos» de Deus... na prática mais frequente e intensa da Oração, na experiência mais humilde e renovada da Reconciliação, na participação mais activa e frutuosa da Eucaristia... Só assim partiremos depois, fortalecidos, para um autêntico testemunho do amor de Deus, junto dos irmãos.

3.2. Conversão a Deus é, por isso, e por consequência, **conversão ao próximo,** como o foi para Moisés. O nosso Deus é Aquele que «*vê a humilhação do seu povo, que ouve os seus clamores, que desce para nos livrar da opressão*» (Ex.3,7-8)... Esse Deus «incendeia-nos», ao chamar-nos a si, incendeia-nos no seu amor e torna-nos testemunhas da Caridade. É na prática da caridade que se torna então claro não ser ilusão, nem fuga, nem passatempo o nosso encontro com o Senhor!

**4.** Neste Dia Nacional da Cáritas (80º Aniversário dos B.V.A.), reconhecemos no voluntariado social um alicerce da caridade, hoje indispensável à vida das pessoas e das sociedades. Mas reconhecemos também que este serviço só será Caridade quando for animado pelo «fogo do verdadeiro amor de Deus» que é inesgotável no seu consumir-se e «arde sem se ver»... nem impacientar. Se não for isto, é apenas «fogo de vista», lenha de figueira, sem fruto, destinada à fogueira. A Quaresma é uma oportunidade de conversão, para todos. E todos precisamos dela. Olhem que não ponho as mãos no fogo por ninguém! Porque «*se fordes aquilo que deveis ser, pegareis fogo ao mundo inteiro!*» (cf. Santa Catarina de Sena, *Carta* 368).

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 1998**

«*Se não vos arrependerdes, morrereis todos*»! Palavras duras, estas de Jesus. Numa resposta simples e num apelo direto, a quantos se julgavam isentos de pecado original!... a quantos tinham para si, que a desgraça do vizinho, era castigo divino. E que a sorte deles era mérito de virtude própria.

Ora Jesus, desmascara esta presunção, em dois tempos: primeiro, deixando claro que eles não são melhores do que aqueles que foram vítimas da má sorte. Que entre os atingidos havia gente menos pecadora e menos culpada que qualquer um deles. Segundo, Jesus lembra que o apelo da conversão é um sinal de alarme que nunca se desligará para ninguém. «*Se não vos arrependerdes, morrereis todos de modo semelhante*»!

Há até quem diga, que este é o terceiro segredo de Fátima! Eu creio bem que este é o segredo de todo o evangelho. Que este é o segredo de uma vida realmente fecunda, que não quer apodrecer no passado nem estagnar na obra feita, mas que prossegue na mira da perfeição. Sem conversão, não há vida. Sem mudança, não há Vida nova. E uma geração que não se converta, um povo que não mude de rumo, uma vida que não se transforme, não tem saída. Será o fim. Cairá e morrerá de velha. *E ao ramo seco, que não dá fruto, corta-se e deita-se para a fogueira.*

Todavia, esta urgência da conversão do Homem anda a par da *paciência de Deus*. Só nos aproximamos d’Ele, porque Ele se abeirou primeiro de nós. E, no seu *amor inextinguível*, que arde dentro de nós como um fogo, «uma sarça ardente», Deus convida-nos a «desatar as sandálias», a deixar cair a armadura das nossas resistências e a prostrarmo-nos humildes, a aproximar-nos d’Ele, de coração contrito. Para nos purificar do pecado. Para nos transformar no amor.

E quando Ele vem, e vem a cada instante, há que aproveitar a oportunidade, há que não deixar passar em vão «o ano da graça». «*Deixa-a ficar este ano que, eu entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo. Talvez venha a dar frutos. Se não der, mandá-la-ás cortar no próximo ano*». Dizia-nos Jesus na parábola.

Caríssimos amigos. Este é o tempo favorável. Este é o dia da salvação. Não penseis que «é para outro» «ou para outro dia» esta necessidade e este apelo de conversão. Não adieis para amanhã a conversão que é sempre um apelo para hoje. «Hoje quero ficar em tua casa», «hoje se ouvirdes a voz do Senhor não fecheis os vossos corações». «Hoje»! «*Colhe os botões de rosa enquanto podes, porque a flor que hoje te sorri, amanhã estará moribunda*». E, se porventura, a alguém vier, por azar, esse terrível e diabólico pensamento de que não tem nada a converter, deixo para exame de consciência, uma lista dos frutos do Espírito, em oposição às obras da Carne. Porque, não tenhamos ilusões, a árvore conhece-se pelos frutos que dá!

*silêncio*

**Ato Penitencial*:***

1. Pelas obras da carne: *Prostituição, impureza, desonestidade, idolatria, malefícios, inimizades, contendas, ciúmes, iras, rixas, discórdias, partidos, invejas, homicídios, embriaguez, orgias* e outras coisas semelhantes... Senhor, tende piedade nós!

2. Pela infertilidade em **frutos do Espírito** como a falta de *caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, benevolência, bondade, mansidão, castidade, fidelidade, modéstia e temperança,* Senhor tende piedade de nós!

*3. Pela vossa infinita misericórdia e pela vossa santa paciência,* Senhor, tende piedade de nós!

**Homilia no III Domingo da Quaresma C 1995**

Duas tragédias faziam a notícia da época. A Jesus acorrem alguns para dar conta do sucedido. O castigo não podia ser mais cruel. E a decisão de Pilatos mais polémica. Vêm então a Jesus, para uma opinião. Mas Jesus percebendo-lhes a astúcia e a presunção, aproveita estes sinais para lançar à cara e de caras e mais uma vez um apelo à conversão: «**se não vos converterdes, morrereis todos do mesmo modo**».

E isto por uma razão muito simples. É que aqueles que lhe dão a notícia iam convencidos de duas coisas: que o castigo era divino e era a paga pelo pecado alheio. No fundo, está em causa uma falsa imagem de Deus e uma falsa imagem de si próprios. **Falsa imagem de Deus,** porque o imaginavam vingativo, impaciente, impiedoso e implacável. Ao pecado do homem suceder-se-ia a vingança e castigo de Deus.  **Falsa imagem de si próprios** porque lá no fundo se tinham por mais justos e mais santos, só pelo facto de não terem sido eles os atingidos por tais tragédias.

Jesus corrige uma e outra imagem. E começa por abalar esta «presunção» de superioridade moral sobre os outros, lembrando que as vítimas não eram nem mais culpados nem mais pecadores. Mas que todos e também eles estivessem «alerta», atentos a todos os sinais, que se «pusessem à tabela» porque *se não se arrependessem morreriam de maneira semelhante*. Quer dizer, ninguém diga que está bem, porque ninguém está livre nem seguro e muito menos isento de pecado. S. Paulo, contra esta presunção de que está tudo garantido, de que são os outros que estão em pecado e é aos outros que cabe arrepender-se, acaba por dizer: «**quem se julga de pé tenha cuidado para não cair**». Quer dizer, o homem nunca está convertido e quando se julgar feito e perfeito, está perto do podre e a será fatal a sua queda...

Mas Jesus vai mais longe. E com a parábola da figueira, revela a verdadeira imagem de Deus. Um Deus clemente e cheio de compaixão, que dá ao homem o tempo para que se converta. Está presente neste texto a enorme paciência de Deus. Há ainda e sempre uma oportunidade. E antes que seja tarde, devemo-la aproveitar. A longanimidade de Deus é um apelo permanente à conversão. Cá estão duas atitudes importantes para a nossa conversão quaresmal:

1. Descobrir Deus como Deus. Ao revelar a Moisés o mistério do seu Ser, Deus manifesta-se como Alguém que caminha ao nosso ritmo e sabe esperar por nós. Quem não descobrir este Deus nunca perceberá a necessidade de mudar, de se voltar para Ele.

2. Assumir a nossa parte de responsabilidade nos males deste tempo. E estes males revelam que todos temos muita coisa a mudar: os critérios de julgar, as formas de ser, os modos de agir. **E mudar** **em coisas muito simples e concretas...e isto é para mim!** Ver bem: converter-se em quê, de quê, a quem, como e agora...»

Isto de pensar que a conversão é para os outros, que nós estamos «sãos e salvos», sem culpa nem pecado, além de uma enorme falta de verdade é uma ousada presunção. «*E presunção e água benta cada um toma a que quer*». S. Paulo diz de maneira mais elegante a mesma coisa*: «quem julga estar de pé tenha cuidado para não cair*»!